

## **AS MÚLTIPLAS FACES DO BORDEL: desvelando novos espaços de sociabilidades.**

Sonní Lemos Barreto\*

Francisco das Chagas Silva Souza \*\*

### **Introdução**

A tomada de alguns temas como objeto de análise pelo historiador ampliou os horizontes da pesquisa e trouxe-nos muitos desafios. Um deles foi desbravar novos campos do saber, propiciando uma interface com novos conceitos e estabelecendo uma aproximação profícua com outras áreas do conhecimento, especialmente com as Ciências Sociais. O bordel e a prostituição estão inscritos neste rol de novas abordagens. Compreender a prostituição enquanto fenômeno social e perceber o bordel como espaço de sociabilidade não constitui tarefa fácil, faz-se necessário o desprendimento de valores e pré-conceitos - estes construídos social e cotidianamente - que lançam sobre estes espaços e seus sujeitos um olhar de alteridade.

O objetivo deste trabalho cumpre a tarefa de analisar e discutir a relação que se estabelece entre o espaço do bordel e a apropriação deste no cotidiano pelos atores sociais. Nesse sentido, reconhecemos haver nesse espaço fortes tensões e contradições que permeiam e tecem o mundo social. O espaço do bordel é então, nessa perspectiva, organizado dentro de uma interpretação de poder, mas é também um lugar onde os desejos, as expectativas e necessidades dos sujeitos que o compartilham estão postos, se desvelam, se mostram, se impõem.

Nessa perspectiva, e partindo do pressuposto da impossibilidade da existência de verdades engessadas, não pretendemos nesse ensaio dicotomizar abordagens, ou mesmo propor respostas e soluções para as questões suscitadas; procuramos, antes de tudo, problematizá-las para compreender o teor de sua complexidade. Para tanto, buscamos beber em todas as fontes, no afã de nos redimir de preconceitos teóricos, deixando-nos penetrar pela contribuição da historiografia e, sobretudo, percebendo a importância de lidar com a diversidade.

---

\* Licenciada em História (UERN), professora do CEFET-RN, unidade de Mossoró, professora do Departamento de História da UERN e tutora a distância da Universidade Aberta do Brasil. E-mail: [sonnilemos@yahoo.com.br](mailto:sonnilemos@yahoo.com.br) História, na UERN.

\*\* Licenciado em História (UFPB), mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UERN), professor do CEFET-RN, unidade de Mossoró e da Universidade Aberta do Brasil. E-mail: [franciscosouza@cefetrn.br](mailto:franciscosouza@cefetrn.br)

Para fundamentar as abordagens aqui empreendidas nos utilizamos dos conceitos de não-lugar do antropólogo francês Marc Augé (1994); da noção de lugar antropológico e/ou espaço praticado de Michel de Certeau (1996).

### **1. O(S) ESPAÇO(S) DO BORDEL: entre os submundos do prazer e a construção de novas redes de sociabilidades.**

As representações que povoam o imaginário social acerca do bordel são imensas e muito subjetivas. As nomenclaturas criadas para denominá-lo variam no tempo e espaço (bordel, lupanar, cabaré), mas sempre conservam um sentido de negação destes lugares na vida social. Está implícita a essa contradição a percepção do bordel como lugar de desvio e transgressão em que se banalizam os valores impostos pela moral burguesa, tais como: a virgindade e a fidelidade para a mulher solteira e casada, respectivamente; enquanto que ao homem é imposta uma conduta que incita a liberdade sexual dentro ou fora do matrimônio.

Uma etnografia dos espaços aqui estudados em seu aspecto social e econômico nos é dada por Adler (1990: 60). Os bordéis são contemplados como “pólo de atração e lugar de sociabilidade a toda uma fatia da população: homens casados, solteiros, rapazes moços, celibatários novos e velhos”. De maneira mais específica e não menos esclarecedora da realidade aqui analisada – pois a autora situa sua abordagem sobre os bordéis da França – a mesma caracteriza um bordel como

Uma casa, um espaço regido domesticamente por uma patroa ou patrão, secundada por uma governanta que,... é ajudada por criadas. Dentro dela vivem pensionistas que, de bom ou mau grado, aceitaram sujeitar-se ao regulamento. (ADLER, 1990:61).

Nesses espaços considerados boêmios não se comercializa apenas sexo, este ambiente cria e improvisa relações através de redes de sociabilidade. Engana-se quem pensa que os clientes buscam nos bordéis apenas a satisfação de suas fantasias sexuais com mulheres que negociam o prazer sexual. A vivência nesses espaços reifica a prática prostituinte e a figura da prostituta. Nesses ambientes ocorre uma troca comercial que vai muito além da mera transação econômica; ela remete a uma sociabilidade e uma rede de relações que se sustenta, portanto, na mutualidade. E é perpassando o aspecto meramente econômico das relações de prostituição que percebemos sua complexidade no espaço do bordel.

Apesar da intensa relação de amor e ódio que a “boa sociedade” (SIMMEL, 1993) estabelece com o bordel, ora negando-o, ora praticando esses espaços (CERTEAU, 1996), podemos percebê-lo como lugar antropológico, uma vez que se apresenta simultaneamente como princípio de sentido para aqueles que o habitam, pois no bordel existem regras de conduta e relações de poder que imprimem significados às ações dos sujeitos; e também funciona com princípio de inteligibilidade para quem o observa (AUGÉ, 1994:51).

Augé (1994) define o lugar, enquanto espaço antropológico, como um espaço identitário, relacional e histórico. Tal definição se coaduna com a interpretação elaborada por Certeau (1996) sobre espaço. Este autor não opõe, por sua vez, os “lugares” aos “espaços” como os “lugares” aos “não-lugares”. O espaço se configura para ele como um “lugar praticado”, como “um cruzamento de forças motrizes”: “são os passantes que transformam a rua geometricamente definida pelo urbanismo como lugar”. (AUGÉ, 1994: 75).

De maneira símile são os sujeitos re-inventando sua prática no cotidiano do bordel que o transforma em lugar vivido, sentido, repellido, lembrado, negado, maldito.

Na obra “A invenção do cotidiano”, Michel de Certeau (1996) reconhece a capacidade que existe na ação ou prática do Homem Ordinário (ou o homem da rua ou homem comum; um praticante) que com seu modo de ser, estabelecendo táticas de invenção no espaço diante das estratégias de dominação, recria no cotidiano, práticas de vida, deixando desvelar seus desejos e seus sonhos, um “fazer com”.

No cotidiano do bordel o que há não são seres abstratos, imaginários, criados e diagnosticados em classificações categoriais desrespeitadoras das singularidades, das diferenças. Essas classificações legitimam a criação de estereótipos e estigmas (GOFFMAN, 1998) que são lançados à prostituta de bordel<sup>1</sup>. Uma abertura ao cotidiano pode apontar táticas ricas, cheirosas, efetivas de percepção e recepção da diversidade nas relações sociais.

Em contrapartida, ressalvadas algumas considerações, o bordel pode se configurar em um não-lugar, definido como espaço de “solidão e similitude” (AUGÉ, 1994:95). Os não-lugares é um conceito proposto por Marc Augé, para designar um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade. O não-lugar será então um lugar que não é identitário, não é relacional, tampouco histórico. Os não-lugares reais da supermodernidade são povoados de viajantes ou passeantes em trânsito.

---

<sup>1</sup> Nos referimos ao preconceito lançado à prostituta de bordel, respeitando uma opção metodológica de delimitação do objeto aqui analisado, o que não significa que não reconheçamos a existência do preconceito imputado também à prostituição de rua, tanto feminina, quanto masculina.

O conceito de não-lugar de Augé se relaciona ao bordel no sentido da efemeridade das relações que comumente se estabelecem nesse espaço entre o cliente e a prostituta. Esta relação estaria pautada em uma troca em que a prostituta proporcionaria prazer sexual ao cliente e este lhe compensaria monetariamente. Seria muito cômodo se pudéssemos pensar a relação prostituinte de maneira tão simplória, pois o sexo, mesmo em uma sociedade regida por relações capitalistas de mercado, não pode ser comercializado sem que haja uma degradação moral por parte de quem o oferece, muito embora o estigma da prostituição dificilmente recaia sobre os homens – consumidores em potencial. Os agentes que fazem uso da prostituição, embora pratiquem movimentos pendulares rumo ao bordel, não se assumem como freqüentadores, ou muitas vezes justificam sua presença no bordel como sendo “de passagem”. Entretanto, o conceito de não-lugar como um espaço que “não cria nem identidade singular, nem relação” (AUGÉ: 1994: 95) não define o bordel, pois ao contrário, se percebe esse espaço com sua historicidade como possibilidade de sociabilidades e identidades múltiplas.

## **O LUGAR DO BORDEL NO IMAGINÁRIO MOSSOROENSE**

A adoção do bordel como objeto de pesquisa justifica-se pelo interesse em se apreender o cotidiano das relações que se processam nesse espaço e fora dele, as tensões e conflitos que ali se alojam, criando e forjando identidades para o outro e a partir de outro. O pesquisador que envereda pelos meandros do cotidiano está interessado pelo senso comum, pelo homem da rua, pelo imaginário, pelas representações sociais.

Um aspecto que nos chamou a atenção faz referência ao grande número de bordéis existentes em Mossoró, segunda maior cidade do Estado do Rio Grande do Norte, mas que ainda carrega os “ares” de cidade interiorana. Mesmo havendo uma proliferação de motéis na cidade e diante da abertura sexual conquistada pela mulher a partir da Revolução Sexual que permite controle da natalidade mediante a contracepção, o bordel continua presente na cidade, nas práticas, resistindo ao tempo e se readaptando as demandas da contemporaneidade.

No intuito de perceber realidades sócio-econômicas diferentes, selecionamos como *locus* da pesquisa um bordel de elite, localizado em bairro nobre da cidade de Mossoró e um prostíbulo situado na periferia da mesma cidade. Esse recorte espacial não cumpre o objetivo de dicotomizar os espaços, mas busca apreender realidades sociais diferentes dentro de espaços considerados muitas vezes idênticos por oferecerem serviços sexuais, mas que na realidade se expressam repletos de especificidades. Os sujeitos que deram vida à pesquisa

foram: as prostitutas (mulheres com maioria civil), os cafetões, cafetinas e os clientes, estes últimos entendidos como freqüentadores do bordel, que pagam pelas práticas das quais usufruem, sejam elas de cunho sexual ou não. Como escolha metodológica optamos por apenas observar e não entrevistar os clientes. Esta representação é igualmente importante para a compreensão das relações que orientam a prática prostituinte no espaço do bordel e será estudada com mais propriedade em outro momento, dado a brevidade do presente artigo. A identidade dos sujeitos, bem como dos espaços analisados serão preservados, utilizando-se pseudônimos na identificação dos(as) entrevistados(as).

A primeira fase da pesquisa empírica foi destinada à observação dos bordéis em horário de funcionamento. Ambos funcionavam aparentemente como bar que dispõe de bebidas, música e companhia. No primeiro bordel, considerado de alto meretrício, o ambiente pareceu requintado e as bebidas bem acima do valor de mercado. As prostitutas estavam disponíveis no salão a partir das 20:00 h e ao conseguirem um cliente saem para um motel, onde o valor do programa tem como piso 120,00 R\$. No segundo bordel, considerado de baixa renda, uma vez que o programa varia entre 5,00 R\$ e 20,00 R\$, percebemos um ambiente conturbado e modesto. Nesse espaço, a negociação e a execução do programa dão-se no próprio estabelecimento, que dispõe de quartos onde as prostitutas exercem seu ofício.

O bordel é comumente percebido como lugar de marginalidade, de segregação social e degradação moral dos sujeitos que o fazem funcionar, a saber: prostitutas e cafetinas/cafetões. Raramente encontramos opiniões que situassem os clientes como agentes da prática prostituinte. Não se inscreve no imaginário social mossoroense a definição do bordel como um espaço de socialização, onde os indivíduos procuram diversão com os amigos e consolação com as prostitutas, muito embora isto fique evidente na fala de Maria:

“aconteceu que o cara queria falar sobre a mulher né, coisa que não tinha nada a ver, aí e até falei pra minha amiga: ei, aqui ta precisando de uma psicóloga... mas é, tem uns que falam, esse por exemplo, foi pra falar do relacionamento com a esposa, que não tava mais dando certo e tal, pois é, eu acho que ele tava precisando desabafar né?, e não tinha com quem”.

De acordo com os agenciadores, o lucro da casa é oriundo da bebida que é consumida pelos clientes e prostitutas. Elas são orientadas para beber e estimular o consumo. As regras sociais que regulam esses espaços são estabelecidas coletivamente pelo grupo e apresentam-se difusas, porém, deixam escapar algumas especificidades. Nesses bordéis o ambiente é identificado como qualquer outro bar, os serviços que são ofertados nesses espaços não estão em evidência, há um conhecimento subjacente do lugar por seus

freqüentadores. Estes utilizam o espaço para ratificar sua masculinidade, talvez porque como assevera Souza “historicamente, na nossa sociedade o cabaré tinha como uma de suas principais funções a iniciação sexual do homem”. (SOUZA, 1998:43).

A maioria das prostitutas entrevistadas que habitam o bordel exerce sua atividade na clandestinidade da família por sentirem a carga de preconceito que lhes é imputada, principalmente quando as mesmas estão em outros lugares que não o bordel como expressa Joana

“Quem me vê aqui e na rua, acho que me vê como uma prostituta né, alguns homens, as mulheres também ficam me olhando meio torto, fica cochichando quando a gente passa, mas eu ignoro, eu relevo”.

As representações sociais acerca do espaço do bordel são significativas para elucidar o preconceito com que a sociedade encara a prostituição. Essa valoração moral cumpre a função de introjetar nos agentes que vivem no bordel e partilham dessa prática um estigma, uma espécie de marca do pecado, da contaminação, da debilidade moral (GOFFMAN, 1998).

No bordel há uma negociação de identidades das prostitutas para com os clientes, destes para como elas e das prostitutas para com a sociedade. Muitas prostitutas tentam negociar sua identidade através do dinheiro em relações capitalistas. Freitas (1985:49) estuda a construção da identidade da prostituta de bordel dentro de uma perspectiva contemporânea. Segundo o autor a prostituta negocia uma ordem com os atores do seu ambiente (o bordel) e em nível mais abstrato com a sociedade. A construção dessa identidade é estruturada mediante três critérios: físico, moral e afetivo. O autor apresenta uma dicotomia: rua/bordel, em que o bordel segrega socialmente as prostitutas que recruta, pois ao ingressarem nesses espaços, assumem a identidade de prostituta, diferente das prostitutas de rua que embora comercializem o corpo, exercem sua atividade muitas vezes na clandestinidade e por isso estão integradas a família e a sociedade. O critério moral já apresenta as prostitutas de bordel como moralmente superiores, uma vez que estas estão submetidas a regras de conduta estabelecidas no âmbito do bordel, assumindo e negociando sua identidade. Entretanto, as de rua, por não “se assumirem” acabam elas próprias denegrindo ou inferiorizando a atividade que exercem, o que se constitui um paradoxo. Por fim, o critério afetivo faz referência à maneira como as prostitutas se relacionam. Com os clientes pressupõe-se que a relação seja eminentemente comercial (noção de bordel como um não-lugar), porém, a mesma pode conjugar em suas práticas favores, conversas, elementos que ampliem o canal de sociabilidade

existente na prostituição (noção de bordel como lugar vivido, inventado, subjetivo, histórico e relacional).

As negociações que se processam no universo do bordel são costuradas por relações de poder que nem sempre deixam aparecer seus fios. O poder, conforme assevera Foucault, “funciona como uma máquina social, que não está situado em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação”. (FOUCAULT *apud* FREIRE, 1997:24). No bordel ele aparece para o cliente quando este percebe no dinheiro o poder de comprar o que deseja – o sexo. Já para a mulher, o poder se inscreve em uma possibilidade de vender seu sexo ou não, determinando um valor, que é variável de acordo com o cliente.

A relação prostituinte é verdadeira e fantasiosa ao mesmo tempo. O homem tem o poder porque compra as práticas que serão permitidas pela mulher que requer e estipula um pagamento para tal concessão; a mulher transgredir normas e valores, vivendo as sexualidades de uma forma plural, constituindo-se na denominação de Margareth Rago (1991) como uma “*insubmissa*”.

Diante do exposto, seria possível definir o bordel enquadrando-o em um conceito estático, petrificando as práticas sociais que fervem em seu interior? Seria possível desvelar todas as relações que se estabelecem dentro e fora do bordel? Acreditamos que percorrer este caminho seria tortuoso demais para historiadores que não buscam a verdade, mas que se excitam com novas possibilidades de conhecer. Tomemos o conselho de Marc Bloch (2001) “evitemos retirar de nossa ciência sua parte de poesia”. Deixemos que a magia do bordel continue suscitando o nosso interesse de pesquisador. Afinal de contas, como nos sugere Bloch (2001: 54), escapemos da erudição e capturemos o homem na história, pois “O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça”.

## REFERENCIAS

ADLER, Laure. **A vida nos bordéis de França (1830-1930)**. Trad. Maria da Assunção Santos. Lisboa – Portugal: Terramar, 1990.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas –SP: Papyrus, 1994.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.  
Campinas, 1994.

FREIRE, Rasland. **Prostituta e prostituição: as representações do cliente**. João Pessoa, 1997. 148p. Dissertação (Em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal da Paraíba.

FREITAS, Renan S. de. **Bordel, bordéis: negociando identidades**. Petrópolis: Vozes, 1985.  
GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

RAGO, Magareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOUZA, Francisca Ilmar de. **O cliente: o outro lado da prostituição**. Fz. Sec. Cult. Desporto, São Paulo: Annablume, 1998.